



**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**TIARA FERREIRA DE SANTANA**

**(entrevista)**

**Salvador, BA**

**2019**

**LECCORPO-CEFIS-UNIVASF**

**ESEFID - UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Fotografia produzida, em abril de 2019, em Salvador (BA). Da esquerda para a direita: Tiara Ferreira de Santana e Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.**

**Projeto:** Mulheres nordestinas na arbitragem do futsal: institucionalização e trajetórias, dissertação de autoria de Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

**Número da entrevista:** E-912

**Nome da entrevistada:** Tiara Ferreira de Santana.

**Local da entrevista:** Salvador (BA).

**Entrevistadora:** Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

**Data da entrevista:** 05/04/2019.

**Transcrição:** Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

**Copidesque:** Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

**Pesquisa de termos:** Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

**Total de gravação:** 01 hora, 24 minutos e 42 segundos.

**Páginas Digitadas:** 34.

### **Observações:**

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual pratico para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em História, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: SANTANA, Tiara Ferreira de. Entrevista concedida por Tiara Ferreira de Santana ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador/a: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UFRGS, UNIVASF, SALVADOR (BA), 07 abr. 2019, 37p.

## SUMÁRIO

Infância da árbitra e sua relação com o esporte; Reação familiar quanto à escolha em tornar-se árbitra; Processo de formação da árbitra; Primeiro jogo como árbitra federada e confederada; Questões de gênero na arbitragem; Treinamento físico para arbitrar; Cenário do futsal ao tornar-se árbitra e atualmente; Relações institucionais e interpessoais (Federação Bahiana e Confederação); Possíveis causas do número reduzido de árbitras de futsal; Definição de ser “mulher árbitra”; Pontos positivos e negativos em ser árbitra; Considerações finais.

Salvador (BA), 05 de abril de 2019. Entrevista com Tiara Ferreira de Santana (T.S.) a cargo do/a pesquisador/a Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima (M.L.) para o Laboratório de Estudos da Cultura Corporal da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

M.L. – Entrevista com Tiara, árbitra da Confederação Brasileira de Futebol de Salão – Futsal, às dezoito horas e trinta minutos, do dia 05 de abril de 2019. Boa noite, Tiara. Qual teu nome completo?

T.S. – Tiara Ferreira de Santana.

M.L. – E sua data de nascimento?

T.S. – 20 de outubro de 1983.

M.L. – Onde nasceu?

T.S. – Salvador, Bahia.

M.L. – Sua escolaridade?

T.S. – Superior completo em Educação Física. Licenciatura em Educação Física [riso].

M.L. – Gostaria que você me contasse um pouco como foi a tua infância e a sua relação com o esporte.

T.S. – Quando criança, aos meus nove, dez anos, já comecei a gostar de futebol, porque acompanhava meu irmão nos chamados babas<sup>1</sup>, né? Aqui na cidade de Salvador nós chamamos de babas, aquela pelada que os meninos iam jogar no final de semana e eu gostava de acompanhar meu irmão prá ficar assistindo e sentia vontade de jogar. Foi quando eu comecei a praticar futebol no campinho de barro, descalça, junto com os meninos. Tinham poucas meninas na época. Quase nenhuma gostava de jogar futebol e eu

---

<sup>1</sup> Expressão regional da Bahia que significa jogar bola.

comecei a praticar, a jogar futebol e nesses anos eu fui praticando até os meus catorze anos. O futebol só mesmo na pelada. Foi quando iniciou a minha relação com o esporte.

M.L. – E esse fato de você jogar com os meninos, havia alguma diferenciação? Você era bem aceita no baba? Como essa relação era construída?

T.S. – *Com certeza era muito difícil*, porque nessa época, a mulher ainda era vista como aquela pessoa que só poderia ficar dentro de casa e a menina só poderia ficar também em casa brincando de boneca e aí ter uma menina no meio de vários meninos jogando futebol era algo estranho, né. Os meninos, muitas vezes, não queriam, não permitiam, não escolhiam prá jogar. Ficava um pouco escorada, mas quando começam a perceber que tem né, a mesma malandragem que eles dizem que tem, o mesmo, a mesma vontade de tá participando da atividade, eles começam a observar com outros olhos.

M.L. – Por ser habilidosa, tinha o espaço garantido no baba?

T.S. – *Exatamente*. Por ser habilidosa eu comecei a ter um espaço até maior do que o meu irmão tinha [riso], que não era muito bom de bola. E aí, de vez em quando, era escolhida prá participar dos times que eles formavam e os meninos iam sabendo que a menina que tava ali sabia jogar bola [riso].

M.L. – E no caso, esse seu envolvimento com esse baba, com esse esporte, com o futebol, foi algo que lhe atraiu de primeira?

T.S. – Na verdade eu sempre gostei desses esportes, dos esportes que tinham contato, das atividades, das brincadeiras que tinham contato. Eu sempre tava envolvida com brincadeiras com meninos. Qualquer tipo de brincadeira que os meninos inventavam, eu achava que era mais divertido do que das meninas. As meninas eram muito cheias de: “Aí, isso vai machucar! Eu não posso me bater.” E eu sempre fui àquela menina que gostava de correr, de fazer, de bagunçar em casa e como eu e meu irmão somos os mais velhos de cinco irmãos, então foi com meu irmão que eu convivi muito mais tempo do que com minhas irmãs. Por esse motivo as brincadeiras de meninos estavam mais presentes do que de meninas. Minhas irmãs são mais novas, então só fui saber o que era brincadeira de

menina quando minhas irmãs começaram aprender a brincar. Por esse motivo aí eu tava mais envolvida e atraída pelo futebol do que pela boneca.

M.L. – Como é que sua família via seu envolvimento nesse espaço que era totalmente masculino e em que havia só você de mulher?

T.S. – *Nossa! Muito difícil!* Minha mãe vivia com a mão na cabeça o tempo todo, é, porque nesse período, a questão da homossexualidade também tava muito envolvida nessas atividades que eram dito masculinas e atividades femininas. Então minha mãe não deixava eu jogar bola com os meninos. Quando me via saindo prá jogar bola ou voltando, dizia que ia apanhar, que não fosse mais. Minha vó corria atrás de mim com cipó prá me tirar do campo, mas eu fugia prá jogar bola com meu irmão. Então era muito complicado porque eu tinha que sair escondida de casa prá jogar bola. Minha mãe não deixava e quando tinha presente prá ganhar, era presente de menina. Eu nunca gostava e queria era ganhar uma bola. Eu nunca que conseguia ganhar uma bola de minha mãe, porque minha mãe dizia que bola era de menino e menina não ganhava bola. Então esse envolvimento foi bastante difícil. A família ainda muito resistente com essa questão mesmo das atividades relacionadas ao gênero.

M.L. – E no caso, como é que então começa seu envolvimento com o futsal? Você relata aí que se apaixonou pelo futebol. Como é que o futsal te físgou nessa história?

T.S. – É... Na época que eu comecei a participar de atividades com futsal foi na minha época de escola. As escolas que eu estudava não tinham campo de futebol - como a maioria das escolas aqui na cidade de Salvador - mas existiam quadras onde as atividades que aconteciam na quadra, relacionadas ao futebol, era o futebol de salão, né? E aí como eu queria participar das atividades dentro da quadra, eu jogava futsal junto com os meninos, porque não tinha time feminino. Eu comecei a me envolver mais com equipes femininas quando eu cheguei ao meu ensino médio. Foi quando eu tive oportunidade de participar de equipes femininas, literalmente femininas [riso], dentro da escola. Foi quando eu comecei a conhecer o futebol de salão.

M.L. – Você relatou anteriormente que quando você se envolveu com o futebol, havia a questão do homossexualismo. Em algum momento você percebeu que houve algum rótulo a sua pessoa por estar praticando futebol, com relação à sua sexualidade?

T.S. – *Sempre!* Essa questão de rotular as pessoas é... devido a atividade que elas praticam, ainda acontece hoje. São coisas que nós conhecemos no nosso dia a dia. Eu como hoje sou professora, vivo isso ainda no meu dia a dia, mas era muito complicada essa questão da rotulagem porque minha mãe, pelo fato de ter quatro filhas mulheres e um menino, as amigas dela falavam muito: “Ah! Sua filha só vive no meio dos meninos. Cuidado prá não virar... É... Lésbica. Cuidado com...” A nomenclatura que utilizavam antigamente né, *sapatão*. “Cuidado com isso. Isso é perigoso. A menina, olha só, só gosta de jogar bola!” Então minha mãe tinha muito receio devido a isso. Meu pai achava maravilhoso, mas como a convivência com o meu pai era muito distante, era mais com minha mãe, então minha mãe ficava com receio devido a essa rotulagem que acontecia de que menina que jogava bola, ia virar homossexual. Tinha é, jeito de menino e eu só andava de cabelo solto, descalça, não gostava de roupa de menina. Então era muito complicada a questão da aceitação familiar em relação a essa atividade que eu gostava de fazer.

M.L. – Seus pais eram separados?

T.S. – Nessa época já eram separados. Meu pai não... Só ouvia falar: “A Tiara só quer andar no meio dos meninos. Tiara só quer andar no meio dos meninos.” E aí era muito complicado querer chamar minha atenção. “Por que não pega uma boneca? Por que não vai brincar com suas irmãs?” E eu dizia a ele que eu não gostava. “Pai, não gosto. É chato. Minhas irmãs são chatas. Só querem ficar passando batom. Eu não gosto disso.” Eu só queria jogar bola.

M.L. – E você hoje costuma acompanhar algum esporte ou acompanha o futsal regularmente?

T.S. – Sim. Hoje eu gosto de acompanhar jogos de futebol, de futsal. Gosto de ir aos estádios. Gosto de ir a quadra quando não estou em jogo. Gosto de tá lá assistindo. Gosto de tá envolvida nesse meio esportivo. É. Evito um pouco de passar isso até em relação, em

relação a minha parte profissional de tá, né, sempre focando no futsal, porque eu sei que o mundo esportivo, ele é muito amplo, tem muita coisa prá gente aprender, no caso de meus alunos, mas eu acompanho muito. Até tem umas brigas em casa com meu filho, porque meu filho gosta de assistir desenho, eu gosto de assistir jogo e a gente tem que entrar num acordo, às vezes, prá ele assistir o jogo junto comigo [riso].

M.L. – E quais são os jogos que você mais acompanha hoje?

T.S. – Jogos de futsal que passam em canais fechado. São Paulo, é, jogos no Sul que passa muito na televisão, eu gosto muito de acompanhar e jogos estaduais, de futebol de campo. Jogos estaduais, eu acompanho muitos jogos das equipes aqui da nossa cidade. Bahia, Vitória... Eu gosto muito de acompanhar esses jogos. Gosto de tá com os amigos acompanhando, de tá vibrando, acompanhando, fazendo a gozação que faz parte. É do esporte essa parte boa de torcer também [riso].

M.L. – Tiara, e quando você teve essa vivência com o futsal, você foi atleta, jogou em alguma equipe?

T.S. – Pronto. Como eu havia falado anteriormente, eu comecei a vivenciar o futebol de salão na época da escola, quando entrei no ensino médio. Quando eu participei das equipes, foi em Jogos Escolares e aí nós tivemos épocas brilhantes dentro do futebol de salão aqui em Salvador com equipes escolares que participavam... Nós participamos de vários eventos escolares e sempre ganhávamos, porque tínhamos uma equipe muito boa aqui em Salvador e aí foi quando eu comecei a participar, ser vista por algumas pessoas que tinham é, clubes, como o Clube Campomar, Clube 2004, que tinha uma equipe de futebol de campo feminino e aí o professor que dava aula na escola, que montou a equipe de futsal, ele sempre indicava as alunas dele prá jogar nesses times. Foi quando eu comecei a minha passagem, comecei entrar aí no futebol de salão. É, que tava tentando sair do amadorismo prá ir pro profissional, porém o feminino ainda era muito mal visto, principalmente aqui no Estado da Bahia. Foi quando eu comecei a participar de competições, Campeonato Baiano, a ser cogitada para o Campeonato Brasileiro e foi quando eu comecei mesmo a focar o futebol de salão dentro de minha vida. Comecei a criar o gosto, ao ápice aí do futebol de salão.



M.L. – Lembra quando?

T.S. – [silêncio]. Ano de mais ou menos 2005. Nessa faixa etária. Foi quando tava terminando meu ensino médio. Foi 2005, 2006. Eu tava finalizando o ensino médio. Tava com dezessete prá dezoito anos, eu creio. Não tenho muita lembrança assim, mas foi nessa faixa. Foi quando eu foquei mesmo no futebol de salão como atleta. Nessa época ia, participava de, jogava em vários times. Jogava salão, jogava campo ao mesmo tempo. Tinha a equipe do Clube Recreativo Campomar que tinha uma equipe de futebol de salão e a mesma equipe era do futebol de campo e eu jogava nos dois. Ainda tava nova, cheia de gás e... Era. Foi uma época muito boa que eu tenho pessoas que eu conheço até hoje.

M.L. – Algum treinador ou treinadora marcou tua trajetória enquanto atleta?

T.S. – *Com certeza!* Que por sinal uma pessoa que eu tenho muito respeito. Hoje é técnica de equipes masculinas de Futebol de Sete, que é a professora Dilma. Ela foi uma pessoa que eu aprendi muito – professora Dilma Mendes. O professor que era professor da escola, Dégison Cerqueira, que hoje também é meu colega de arbitragem, que foi uma pessoa que me deu muita orientação, me deu um caminho assim dentro da arbitragem também do futebol de salão. Só que a professora Dilma foi uma pessoa que participou muito do meu gosto também pelo futsal. Uma pessoa que sempre tava orientando as meninas. Era uma pessoa amiga, que sempre chegava junto, participava de tudo e dias de alojamento, ela sempre mantinha o respeito. Uma pessoa que fez parte assim, literalmente, da construção minha dentro do futebol de salão também como atleta. Como árbitra, professor Dégison, foi à pessoa que me trouxe prá Federação Bahiana, pessoa que me deu muita orientação e que, graças a ele, eu tô aqui até hoje também.

M.L. – No caso, sua vivência enquanto atleta foi aqui em Salvador, apenas, ou você foi para algum outro local?

T.S. – Como atleta eu participei dos Jogos Escolares aqui em Salvador, foi em Salvador. Quando eu finalizei o meu ensino médio, que eu entrei na faculdade foi quando eu comecei a participar de Jogos Universitários. Foi quando o futebol de salão me deu oportunidade de tá conhecendo vários estados como atleta. Participei dos JUB'S, que são os Jogos

Universitários Brasileiros, conquistando... Tivemos algumas conquistas junto com os professores da faculdade, com as colegas da faculdade. Como conseguimos... Entramos na segunda divisão. Conseguimos a conquista de estar no terceiro lugar da segunda divisão dos Jogos Universitários Brasileiros. Não me lembro bem à data. Lembro que o local foi em Blumenau, Santa Catarina. Foi uma das melhores conquistas, naquela época, do futebol, digo, do futsal feminino da Bahia.

M.L. – E aí, como é que sua família reagiu a essa sua vida de atleta, suas conquistas, sua inserção tanto no futsal como no futebol? Deixou-se a fase da infância prá partir para a fase de atleta de competitividade mesmo.

T.S. – Minha mãe começou a ver o futebol de salão com outros olhos, porque na época que eu entrei na faculdade, é, como era muito difícil... Eu entrei numa faculdade particular porque a concorrência na pública tava em alta... Eu entrei na faculdade particular porque eu queria fazer Educação Física pelo meu gosto com o esporte. Eu queria fazer Educação Física e como minha família não tinha essa renda prá custear toda mensalidade da faculdade, eu entrei na faculdade prá tentar uma bolsa-atleta que a faculdade oferecia na época. E aí entrei prá tentar essa bolsa-atleta e no meu primeiro semestre, eu consegui entrar na faculdade. Consegui o desconto por ser jogadora de futsal e aí consegui o desconto de atleta e passei os quatro anos na faculdade com pagamento de baixo custo devido à bolsa que eu tinha como atleta da faculdade. Aí foi quando minha mãe começou a perceber que a prática do futebol poderia me ajudar em algo. Não só a questão do jogar por jogar, mas que poderia tá agregando conhecimento, agregando valores, agregando coisas que iriam me beneficiar durante a minha trajetória dentro de minha carreira profissional. E foi o que aconteceu. Aí dentro da faculdade eu consegui bolsa, eu conheci pessoas, né, que me levaram prá o caminho profissional que hoje eu tô como professora. Trabalhei em empresas que foram orientadas por pessoas que eu conheci dentro do futebol de salão, também. Meu primeiro emprego né, foi pessoas que eu conhecia dentro da, conhecia dentro dos jogos que eu participava e aí minha mãe começou a perceber que isso poderia né, trazer bons frutos. Meu pai era um apaixonado. Meu pai se apaixonou literalmente pela minha participação como uma atleta. Ele queria ir ver o jogo, ele queria me levar prá todos os lugares que tivesse jogo. Ele me pegava de moto [riso]. Chegou ao ponto de eu perder o horário de ir pro jogo e meu pai chegou, pegou a moto... Uma vez me levou prá Dias

D'Ávila em cima de uma moto prá poder eu não perder, não chegar no jogo atrasada. Então meu pai era um apaixonado pelo futebol de salão. Assim... por mim e pelo futebol de salão. E aí quando eu entrei na arbitragem, ele ficava bobo.

M.L. – Sua mãe chegou a assistir a um jogo seu como atleta?

T.S. – Como atleta, minha mãe foi prá um jogo somente. Infelizmente foi no jogo que eu me machuquei. Foi uma final do Jogo Universitário Estadual que nós estávamos na final com a Universidade, uma outra Universidade daqui de Salvador que era uma... era a nossa rival. E aí nessa competição, no jogo final, foi quando me machuquei e minha mãe estava assistindo esse jogo. Disse que nunca mais ia assistir a um jogo meu. Que eu tive uma lesão no joelho, nessa época. Aí ela ficou horrorizada. Porque disse que era muito violento, que batiam, então ela decidiu não ir mais assistir o jogo. Meu pai era que ia, me acompanhava muitos nessas competições.

M.L. – Fã de carteirinha?

T.S. – Fã de carteirinha.

M.L. – E no caso Tiara, nesse meio aí, nessas suas andanças, conseguiu fazer amigos e amigas que lhe marcaram, que foram pessoas decisivas na tua escolha, em teu percurso enquanto atleta?

T.S. – Com certeza! Eu tenho amigas hoje que eu sou madrinha de casamento, que foram amigas que eu conheci no futebol de salão, como atleta, na época de faculdade. É... A minha amiga, ela era goleira da equipe e eu fui madrinha do casamento dela. Acompanhei toda a trajetória dela, da vida dela também. Finalizamos TCC<sup>2</sup> juntas. O tema de TCC parecido. Tudo porque a trajetória da gente dentro do futebol de salão foi uma trajetória muito bonita, muito legal. E são épocas que a gente sente saudade hoje. Que se pudesse voltava no tempo. Eu costumo comentar com minhas amigas: se eu pudesse voltar o tempo, eu voltaria na minha época da formação. Que foi a época que, com certeza, eu conheci pessoas que agregaram aí na minha formação profissional, pro meu conhecimento

profissional e que até hoje eu tenho essas pessoas junto a mim. Que eu tenho esse contato, que eu troco figurinhas, que eu troco informações e que tem pessoas que me ajudam muito aí no dia a dia.

M.L. – Isso mais no nível de ensino superior, no caso, sua trajetória?

T.S. – Sim, na minha trajetória superior. Na época de escola, a gente acaba perdendo o contato com as pessoas, mas tenho colegas que ainda jogam hoje [riso]. Eu digo que hoje, na minha idade, eu não arrisco mais a participar de competição como atleta [riso]. Mas de vez em quando a gente se encontra prá pegar um... brincar um pouquinho, pegar o famoso baba.

M.L. – Tiara, quando é que você começa a se interessar pela arbitragem e por quê?

T.S. – Na época, eu terminei a faculdade. Eu terminei o meu ensino médio, eu tava com meus... finalizando meus dezessete prá dezoito anos; ia fazer dezoito anos. Na época não podia fazer o curso de árbitro, apesar de já... Já conhecia o curso de árbitro por ter amigos que já eram árbitros. O meu professor da escola, na época, ele era árbitro de futebol de salão. Falava muito da questão da arbitragem, mas eu não podia fazer o curso porque só podia fazer o curso maiores de dezoito anos. E aí como a gente assis... Participava de competições, via os caras apitando e as... Reclamava. Não entendia a questão da arbitragem e ele foi uma pessoa que me trouxe prá Federação, porque quando tem o curso, os árbitros que já são federados, eles indicam prováveis alunos para o curso e aí ele me indicou prá fazer esse curso de árbitro. Foi quando eu completei os meus dezenove anos que eu pude fazer o curso de arbitragem e aí comecei a participar de algumas aulas, mas só pude mesmo concretizar o curso quando eu completei vinte e um anos. Foi quando eu pude finalizar o curso em 2007 e aí fiz o curso de árbitro totalmente verde, com medo, frio na barriga, mas aí eu disse: se eu deixar de ser, de jogar... Porque tinha aquela questão: mulher já não era bem vista no futebol, no esporte e completou vinte anos piorou. Tá ficando velha, né? Querem é menina mais nova, cheia de gás. E aí com vinte anos já tava me achando velha prá poder jogar. E aí foi quando surgiu a oportunidade de entrar no quadro de arbitragem da Federação Bahiana. Foi quando comecei a fazer o curso.

---

<sup>2</sup> Trabalho de Conclusão de Curso.

M.L. – E qual seria essa pessoa que te trouxe para a arbitragem? Poderia citar o nome?

T.S. – Foi o professor Dégison Ribeiro de Cerqueira. Que na época era professor da escola em que eu concluí o ensino médio. Ele já era árbitro aqui da Federação há muitos anos. Foi à pessoa que me trouxe, foi meu padrinho aqui na Federação Bahiana.

M.L. – E o que a sua família achou disso? As pessoas mais próximas? Você deixou de ser atleta e passa a ser árbitra. Qual foi a reação de tua família, das pessoas próximas a você?

T.S. – Minha mãe dizia: “Né possível. Essa menina não vai sair do futebol! Você vai fazer o quê agora, Tiara?”. Disse: eu vou fazer o curso de árbitra. Aí ela disse: “Pronto! Agora não vai mais jogar, agora vai apitar.” E aí... Só que nessa época eu já tinha o interesse de fazer Educação Física, já tava praticamente dentro da faculdade, já tava meio caminho andado e tinha aquela questão mesmo de... Da questão de carga horária. Que tinha que fazer curso prá completar a carga horária na faculdade... E eu dizia a minha mãe que era prá complemento de carga horária. O curso era de noite. Ela ficava meio que preocupada com questão de deslocamento, porque era muito distante do local onde eu moro pro local onde acontecia o curso. Era distante, mas... Era uma coisa que eu tinha que agregar conhecimento prá minha formação também e como o futsal é um esporte que também faz parte do curso de Educação Física, eu fui... Entrei nesse curso aí para agregação desses conhecimentos que eu necessitava.

M.L. – E como estava o futsal nessa época? Diferente de hoje? Como é que você avalia o quadro do futsal de 2007 pra 2019, 2018?

T.S. – Em relação a competições... Na vivência que eu tive nesse ano que eu entrei. Do ano que entrei a hoje, em 2019, eu creio que na época de 2007 tinham mais competições. As competições eram muito mais vistas, mais bem vistas. Eu acho que a participação das pessoas era maior pelo fato de ser um esporte que ainda conseguia atrair gente por ser um esporte que tava ainda sendo colocado... Sendo. Tentando ser colocado no topo da pirâmide. O futebol sempre foi o esporte dentro desse, dessas finalidades, aí, que sempre esteve no topo, mas o futebol de salão, ele era mais visto na época. Clubes daqui de Salvador tinham equipes de futebol de salão também. Eles tinham equipes de futebol de

salão, tinham ginásios que enchiam, que lotavam de pessoas prá assistir competições; qualquer que fosse a competição que acontecia. Tinham muito mais competições. É, como eu me lembro da época, existiu as Olimpíadas Baianas da Primavera, em que eu participei muito na minha época escolar e que existiam muitas essas competições e que hoje infelizmente não existe mais. Hoje, eu acho que o futebol de salão, ele perdeu um pouco esse brilhantismo, pelo menos aqui na cidade de Salvador. Esse brilhantismo ele perdeu devido... Eu creio que o dia a dia mesmo, as pessoas, a rotina de vida, os espaços oferecidos hoje na cidade para a prática do esporte, eles começam a diminuir com exceção de espaços prá prática de outras atividades, de musculação, de outros esportes também. Então eu acho que hoje Salvador em se perdeu muito espaço para a prática do futebol de salão.

M.L. – E você acha que esse cenário também pode ser observado a nível nacional?

T.S. – [pensativa] Eu percebo que sim, principalmente no Nordeste. Nós, árbitros do Nordeste, estamos perdendo muito com essa falta de valorização esportiva dentro do Nordeste. Eu percebo que as competições hoje que acontecem com maiores brilhantismos, que passa em canais fechado, elas não tão dentro da nossa região; elas estão em outras regiões, principalmente região do Sul, Sudeste. Então fica muito... Estamos ficando um pouco atrás. Falta também agregação de alguns valores para quem faz acontecer, como exemplo, atletas. Os atletas, eles não são estimulados para a prática do futebol de salão. Os atletas hoje, aqui em Salvador, e eu creio que isso esteja acontecendo também com maior parte da Bahia, o investimento, ele não acontece no futebol de salão da base. O investimento começa acontecer dentro do futebol de campo, porque hoje é o que dá o retorno financeiro maior prá esses meninos. E como falta atleta, falta time e se falta time, falta competição. Se não tem competição, o árbitro não precisa ir lá apitar. Então por essa questão, há essa defasagem de competições para que os árbitros do Nordeste estejam atuando.

M.L. – E o que foi que te motivou a fazer o curso de arbitragem, além de você se achar velha, entre aspas, com os vinte anos à flor da pele [risos]?

T.S. – O gostar mesmo do esporte, o começo do afastamento das minhas atividades como atleta, o interesse em cursos, né, que nós na época da universidade precisamos agregar essa, também essa carga horária que é solicitada do acadêmico. Durante a sua formação ele tem que apresentar uma determinada carga horária de cursos, de formações extras e aí eu me interessei pelo curso e comecei a gostar. Assistindo também... Nessa época acompanhava muito o professor durante as competições também que ele ia e comecei a gostar da arbitragem e tive o interesse em participar. Achei uma coisa muito interessante, mas não sabia que a batalha seria árdua [riso].

M.L. – E como era que esse curso acontecia? Qual o tempo? Lembra disso?

T.S. – O curso teve a duração de mais ou menos, se não me falta à lembrança, é, falta à memória aqui, eu creio que foram de dois meses a três meses, entre aulas teóricas e aulas práticas. Tivemos aulas referentes a preenchimento de súmulas que são utilizadas durante os jogos, aulas de movimentações técnicas, de regras e até o dia da prova... Que nós somos submetidos à prova teórica. O conhecimento teórico das regras, como acontece em qualquer tipo de curso que você faz e a prova prática, né, prá saber realmente se você, como eles diziam aqui [riso]: “Vamos ver se tem a pegada! A pegada do árbitro!” Tem que saber questão de deslocamento, a questão de saber o momento certo de aplicar a regra, sinalizações; então tudo isso aí a gente começa a praticar desde lá do curso até o dia da prova, pois temos médias a serem alcançadas. Prá puder receber o diploma do curso a gente precisava alcançar essa média mínima que eles colocavam.

M.L. – Qual seria essa média, Tiara?

T.S. – A média é sete. Tínhamos que alcançar a média sete dentro do curso.

M.L. – Isso em 2007?

T.S. – Em 2007.

M.L. – E o curso acontecia onde? Lembra?

T.S. – O meu curso, ele aconteceu no Sexto Depósito de Suplementos do Exército, que fica próximo a Federação Bahiana. Fica no lugar, num ponto bem conhecido de Salvador, que é o Campo Grande e lá fica o Quartel do Exército, que é o Sexto Depósito de Suplementos. Foi lá que aconteceu o meu curso e todas as aulas foram feitas lá.

M.L. – Antes do curso você já se arriscava em arbitrar alguma competição, algum baba?

T.S. – Não [riso]. Antes do curso eu não tive vivência nenhuma como árbitra, somente como atleta. Eu comecei do ponto zero. Foi do curso mesmo até a formação, foi quando eu comecei a ter esse conhecimento dentro da área da arbitragem. Não sabia nada de arbitragem. Prá mim na época de atleta, todo árbitro era ladrão [risos]. Não aceitava marcação, apesar de... Conhecía a regra, mas não aceitava, né? Essa questão do atleta mesmo de achar que sempre tem que ter, sempre ter vantagem na jogada. Achar que sempre tá certo. Então não tinha conhecimento nenhum de arbitragem.

M.L. – Então o árbitro estava sempre errado na marcação que ele fazia?

T.S.– Sempre tava errado [riso]. *Agora não!* Agora tá sempre certo [risos].

M.L. – E no caso Tiara, você lembra como foi seu primeiro jogo como árbitra de futsal?

T.S. – O primeiro jogo em si foi na formação do curso, na nossa aula prática. Os Diretores da Federação, eles montaram um mine torneio com algumas equipes prá poder fazer a nossa avaliação dentro da, né... Dentro da prova tinham alguns critérios que iriam ser avaliados. Foi o primeiro jogo em si, mas naquele momento era mais um critério avaliativo, é, não tinha muito essa questão de, de querer que realmente aplicasse a regra ao pé da letra, sinalizasse tudo como teria que ser feito, porque nós estávamos sendo avaliados, colocando em prática algo que a gente conheceu no curso. Mas meu primeiro jogo em si foi numa competição escolar de, se eu não me engano, de até catorze, quinze anos, na época que existia ainda as Olimpíadas Baianas da Primavera. Foi minha primeira competição que era uma competição escolar que participava escolas públicas aqui de Salvador. Escolas públicas, algumas escolas particulares e eram competições que aconteciam e aí foi minha primeira escala. Meu primeiro jogo que eu fui apitar foi um jogo



feminino e por coincidência, dentro da partida, dentro desse dia do jogo, iria jogar a equipe que eu jogava. Eu não apitei esse jogo, claro, mas as minhas amigas da época de escola estavam presentes no local onde eu iria participar da competição como árbitra. O meu primeiro jogo que eu apitei foi dentro do Colégio Duque de Caxias, aqui na cidade de Salvador.

M.L. – Pela Federação Bahiana?

T.S. – Pela Federação Bahiana.

M.L. – E aí, qual foi... Quando acabou o jogo, qual foi a sensação?

T.S. – É... Pelo fato de eu estar como árbitra diante de meninas que eu jogava junto e que muitas ali ainda tinham, *tinham a minha idade* praticamente. Ainda era nova para participar dessa competição... E a gente se sente um pouco superior, às vezes, né [riso]. Eu sou a dona do pedaço aqui. Eu sou a árbitra. Eu que mando. E assim... essa sensação de desconforto e de realização ao mesmo tempo. São sensações meio que é... Elas oscilam né, de medo de errar, mas satisfação de estar ali... Aquela sensação de dever cumprido. Eu consegui estar aqui. Eu consegui passar no curso. Eu estou conseguindo estar numa quadra apitando. Foram sensações boas. Posso dizer que foram boas.

M.L. – E sua primeira competição como árbitra da Confederação Brasileira?

T.S. – [silêncio] Como árbitra da Confederação, minha primeira competição foi no Estado de Pernambuco, quando eu fui convocada para um jogo de uma Divisão Especial do... [silêncio]. Nossa! Foi uma competição...

M.L. – Lembra a categoria?

T.S. – Foi uma competição feminina, de quinze a dezessete anos, no Estado de Pernambuco. Foi quinze a dezessete anos.

M.L. – Que a gente, inclusive, apitou juntas.

T.S. – Exato.

M.L. – Foi Taça Brasil...

T.S. – Foi Taça Brasil, Divisão Especial, de quinze a dezessete anos, no Estado de Pernambuco. Foi isso mesmo.

M.L. – E aí, como foi essa sua primeira competição pela Confederação? Saiu da Bahia e partiu para um âmbito bem maior. Qual foi a sua sensação? Qual foi a marca que ficou em você dessa primeira competição em nível de Confederação?

T.S. – Primeiro. Quando eu fui convocada prá essa competição, existiu aí uma trajetória antes. Eu posso contar?

M.L. – Pode contar sim.

T.S. – Existiu uma trajetória antes disso aí porque... Para uma árbitra, ela ser colocada no quadro da Confederação Brasileira, ela tem que ser indicada pelos seus Diretores, pelo seu Presidente da Federação onde ela atua. E aí eu tinha, já tinha mais ou menos oito anos atuando dentro da Federação Bahiana e o *desejo*... Eu lembro que quando eu... Na minha época da faculdade, eu falava muito com meus amigos e todos já sabiam que eu era árbitra e aí eu falava com meus amigos: minha vontade é ser árbitra da Confederação Brasileira. Minha vontade é ser árbitra da Confederação Brasileira. Eu lembro que eu fui apitar um, oh!, apresentar um trabalho na faculdade e aí eu falava pro meu professor: Professor... “Você é árbitra da onde?” Sou árbitra da Federação Bahiana, mas ainda vou ser árbitra da Confederação. E aí no meu TCC, no meu Trabalho de Conclusão de Curso da faculdade, eu falei também sobre a arbitragem feminina daqui de Salvador. Eu falei pro professor, meu orientador, e pro meu avaliador da banca, no final da conclusão do trabalho, eu falei prá eles assim: Eu ainda vou ser árbitra da Confederação Brasileira! Na época eu não era e aí eles riram. “Não, com certeza, você vai ser!” E meus trabalhos dentro da Federação eram todos com o objetivo de ter essa conquista. Só que durante essa trajetória minha aqui na Federação, eu passei por várias etapas: me tornei mãe e nesse período que me tornei mãe, foi o período que eu tava no ápice da arbitragem. Foi quando eu engravidei do meu

querido filho, Erick [riso], e aí eu tive que retardar um pouco essa minha ida, essa minha indicação para a Confederação. Tive que aguardar mais um ano prá poder participar do quadro da Confederação Brasileira, apesar de ter sido uma das sugeridas para ir pro quadro. Como eu estava grávida não podia fazer o teste físico que é um pré-requisito para entrar no quadro da CBFS e aí quando eu fui indicada, no ano que eu fui indicada, foi o ano que eu fui escalada prá participar da minha primeira competição. Da minha primeira competição.

M.L. – E quais seriam os principais jogos que você já arbitrou?

T.S. – É... Como árbitra federada aqui em Salvador, eu nunca esqueço. Eu ainda tava verde, né, como os meninos falam aqui, eu ainda tava verde e fui escalada prá uma competição na cidade de Seabra, aqui na Bahia. *Muito* distante da cidade que eu moro, que é Salvador, e nessa escala que eu fui colocada, eu fui com um árbitro, um dos árbitros que era um dos árbitros mais antigos que tínhamos aqui, que era o Teles. Que era nosso, era o nosso amado Teles, que hoje dá nome a nossa sala do Departamento da Federação. Então eu fui prá essa competição com Teles e Jogos do Interior são jogos de televisão. Jogos que você não acha espaço prá assistir de tanta gente que tinha no ginásio e foi meu primeiro jogo... Assim emocionante. O jogo que eu nunca esqueço foi o jogo que eu fui prá Seabra, é, participar de um final de competição em Seabra. Nós viajamos numa sexta-feira e retornamos no domingo. Um jogo de casa cheia, onde eu nunca tinha apitado, com um cenário daquele. E tive que apitar com um cenário de equipes de empresários da cidade e que investiam valores altíssimos em suas equipes e que eu tive que apitar esse jogo com Teles. E aí ele foi uma pessoa que me deixou muito tranquila no momento da competição: “Fique tranqüila. Qualquer coisa o erro é meu.” E aí, graças a Deus, deu tudo certo. Voltamos para Salvador são e salvo, mas foi um jogo que me marcou muito como árbitra da Federação. Me marcou muito.

M.L. – Masculino ou feminino?

T.S. – Foi um jogo *masculino adulto*. Jogo masculino adulto de equipes de empresários da cidade e sabe que cidade pequena, cidade do interior, a cidade toda vai pro ginásio assistir

o jogo porque é o momento de distração, de diversão deles. Então aquilo ali foi algo que me causou muita emoção. Foi um jogo muito emocionante.

M.L. – E teria algum jogo feminino que tivesse lhe marcado tanto quanto esse jogo masculino a nível de Federação ou de Confederação?

T.S. – *Com certeza!* A minha primeira competição, o primeiro momento da gente dentro de um outro universo como é o universo nacional, né. Você sair do cenário estadual, prá ir pro cenário nacional, é algo que lhe causa um impacto muito grande e com certeza, meu primeiro jogo como confederada, foi um jogo assim que eu tenho muita lembrança; inclusive tenho fotos guardadas até hoje, tenho fotos com minhas amigas do primeiro jogo [riso] guardada na estante da minha casa [risos]. Tenho foto na estante de minha casa dessa competição. Com certeza foi à primeira competição feminina a nível nacional que eu tive. Minha primeira competição foi um ambiente diferente, pessoas diferentes... Existe um pouco de receio porque uma coisa é você apitar no seu estado com pessoas que você tá no seu dia a dia; outra coisa é você sair de seu estado, chegar no estado de Pernambuco, você não conhece ninguém, você não sabe o ritmo da colega, você não sabe o jeito da colega, se você vai se dar bem com ela, mas... Foi um jogo que eu tive até um enorme prazer de apitar [risos] com a colega Dôra, de Senhor do Bonfim, e aí é [risos] tive essa felicidade. Por incrível que pareça foi à primeira competição que nós apitamos juntas, né, Dôra [risos].

M.L. – *Com certeza!*

T.S. – Saímos do estado prá apitar uma primeira competição fora de nosso estado e aí foi assim... Nesse momento, né, a gente tem um pouco de segurança por ser uma pessoa que a gente já conhece, mas saber que nós estamos sendo vistas ali, é jogo televisionado, então é algo que qualquer erro, ele pode repercutir. E graças a Deus nós temos bons orientadores também no quadro da CBFS. Os Diretores que ficam presentes no momento da partida, eles nos passam muita tranquilidade durante nossas conversas e nos preparamos, nos preparam também para estar ali, né. Antes do jogo nós temos conversas que nos deixam muito tranquila prá arbitrar.

M.L. – Nosso Diretor de Competição foi Luís Cláudio, lembra? Gente boa demais.

T.S. – Foi Luís Cláudio lá de Pernambuco. É um cara que eu já tive [risos]... Por incrível que pareça, eu falei prá ele, disse: né possível, não aguento mais vir prá Pernambuco. Que toda competição que tem em Pernambuco... Que eu saio, é em Pernambuco e sempre é o Luís Cláudio que tá presente; mas é um cara que tem um cuidado muito especial com as meninas. Ele tem muito cuidado em deixar as meninas super tranquilas. Não é um cara que pressiona. Ele é uma pessoa assim, que leva uma paz, uma tranquilidade, deixa a gente super tranquila na hora de apitar. Ele costuma dizer que “a regra vocês sabem. É só olhar o contexto”. Então, graças a Deus, nós encontramos pessoas que estão à frente da nossa CBFS que são pessoas que deixam a arbitragem fluir sem nenhum tipo de obstáculo.

M.L. – Tiara, quando você está conduzindo uma partida masculina e uma feminina, há diferença nessa condução da partida?

T.S. – Como árbitra da Confederação Brasileira eu não apito jogos masculinos.

M.L. – E a nível de Federação?

T.S. – A nível de Federação eu costumo dizer que aqui em Salvador nós temos mulheres que não aceitam ser tratadas como mulheres em quadra. Como é que eu posso descrever isso? Né qualquer falta que elas querem que marque, né. Elas costumam dizer: “É bola prá homem, professora. Isso aí né falta não!” Então os meninos, eles são mais é, delicados no momento de arbitrar. Eu acho que arbitragem é, arbitrar jogos masculinos são mais fáceis do que arbitrar jogos femininos; eu como mulher. Os jogos femininos são muito mais difíceis. Eu creio que pelo fato de ser mulher arbitrando, as mulheres, elas têm um pouco, às vezes, de rejeição da sua presença, da sua postura, né, diferente. Eu costumo dizer que eu sou uma pessoa totalmente diferente dentro de quadra e fora dela. Dentro de quadra eu sou árbitra. Eu aplico a regra do jogo. Fora de quadra eu sou a Tiara que brinca, que abuso, que dou risada, mas dentro de quadra eu sou muito séria no que eu me proponho a fazer. Então as mulheres, elas me acham um pouco fechada, séria. Os homens, eles já... Eu aceito, eu tenho aceitação. Assim, a minha presença tem uma aceitação, porque eu costumo dizer pro meu diretor que a mulher em quadra é o diferencial, porque aqui na Federação

Bahiana, noventa e oito por cento do nosso quadro é masculino, dois por cento é feminino. Então a nossa presença é diferencial em quadra. Então para os homens nós fazemos diferença. No jogo feminino já não tanta diferença porque é um jogo de mulher. Então eu me sinto melhor apitando jogo de homem do que de mulher [risos].

M.L. – Você já parou de arbitrar em algum momento?

T.S. – Sim quando eu engravidei. Eu tive que dar uma paradazinha durante os meus nove meses de gestação, mais uns cinco meses aí de recuperação, quase que um ano e meio aí parada. Foi antes de eu entrar no quadro da Confederação Brasileira, mas quando eu voltei, eu voltei com todo gás e não minto prá você não, esse período da gestação me deixava agoniada, porque se eu pudesse apitar com barriga grande [risos], eu iria. Mas foi o período que eu tive que dá uma paradinha devido a minha gestação mesmo. Foi o único período que eu fui impossibilitada de estar arbitrando.

M.L. – Além de ser árbitra, você tem algum outro envolvimento com o esporte? Qual?

T.S. – Como eu trabalho na área de Educação Física, meu envolvimento com o esporte é diário. Eu trabalho com natação também. Dou aula de natação, pois eu gosto muito de nadar. É uma outra atividade que me faz relaxar. Eu costumo dizer que a arbitragem prá mim é um lazer, é algo que eu gosto de fazer. Então meu envolvimento com o esporte é diário. Todos os dias eu estou envolvida, todos os dias eu tenho que, eu aprendo um esporte novo, eu levo pros meus alunos, eu incentivo eles a participar, a praticar o esporte. Meu envolvimento é basicamente esse. É atividade mesmo que desempenho em meu dia a dia.

M.L. – Participa de alguma competição, enquanto técnica, com os seus alunos?

T.S. – Eu participei ano passado. Eu participei de alguns eventos aqui dentro da cidade de Salvador. Foi uma competição no bairro onde eu moro. Competições que envolveram várias equipes do bairro e aí eu coloquei os meninos que são da instituição que eu leciono. Eu os coloquei para participar dessas competições e competições internas mesmo da escola, competições interescolares que eu participo com meus alunos.

M.L. – Quais esportes você coloca enquanto competição para os seus alunos?

T.S. – Hoje lá na instituição que eu ensino temos o futsal e temos o futebol *society* masculino e feminino, mas estamos trabalhando prá participar de competições de vôlei, basquete também, pois é um esporte que eu tenho uma aceitação muito grande. O basquete hoje, os meninos da escola adoram jogar basquete. São competições que eu participo: o basquete, o futsal, o futebol *society* e agora estamos tentando incrementar ai, na prática deles, o vôlei.

M.L. – Todos masculinos e femininos?

T.S. – Masculinos e femininos.

M.L. – E como é a tua rotina para conciliar ser árbitra, ser professora... Como é essa correria diária?

T.S. – Essa rotina é uma luta. Professora, árbitra, mãe, namorado [riso]. Tenho que dividir minhas vinte e quatro horas diárias dentro dessas atividades que eu desenvolvo e é uma luta porque a mãe dá briga. A mãe antes brigava prá eu não ir pro campo jogar bola com os meninos, agora a mãe briga prá não deixar o menino em casa prá ir apitar jogo. A mãe tá sempre questionando: “Como é que pode? Só pensa em bola, em jogo, em jogo...”. Às vezes a gente tem que sacrificar um pouco prá fazer o que a gente gosta. Hoje meus colegas chamam meu filho de delegado. É o delegado do jogo, porque como ele já tem [riso], hoje ele já tem sete anos, então eu posso levar ele pros jogos comigo e aí levo. Não é um carinha que gosta muito de... Não tem muito domínio com a bola não, não puxou a mãe, mas ele gosta de ir pro ginásio, ele fica lá, ele procura qualquer coisa prá ele fazer; até levar skate pro ginásio ele tá levando hoje prá poder esperar, porque esperar a mãe apitando jogo durante a manhã toda é chato, como ele fala: “É chato!”. Eu tô ali no meu laser gostando e ele dizendo que tá chato porque está esperando. Mas eu consigo conciliar mesmo esse tempo aí, essa rotina. Uma rotina meio que agitada. De vez em quando a gente tem que dá uma paradinha, dá uma indisponibilidade pro Diretor prá poder descansar, mas eu consigo conciliar essa rotina minha do dia a dia.

M.L. – E qual é a impressão do filho da mãe-árbitra?

T.S. – Ah, *ele adora!* Diz que: “Minha mãe é que manda no jogo!” Aconteceram alguns episódios quando ele tava menor mesmo de eu levar ele prá alguns jogos e ele invadir a quadra prá apitar o jogo. Saí correndo prá dentro da quadra, ter que parar a partida e ele falar: “Minha mãe, eu quero apitar!” Eu ter que botar o apito na boca, ele dá um sopro, um apito e saí da quadra. Já aconteceram alguns episódios desse tipo [riso]. Os colegas de arbitragem falam, riem o tempo todo por causa disso; mas ele gosta de tá. “Ah! Minha mãe é juíza!” Fala pros amigos da escola “Minha mãe é juíza! Minha mãe é a pró. Minha mãe é juíza. Minha mãe apita jogo!” Ele gosta muito de tá participando dessa atividade.

M.L. – Como os técnicos e as equipes, reagiram a esse entrar dele na quadra prá querer apitar o jogo?

T.S. – Nesse episódio que aconteceu foi uma competição escolar, os Jogos Escolares. Ele invadiu a quadra no ginásio e aí a torcida toda ficou dando risada. Ele entrou e disse: “Eu quero apitar o jogo!” Eu tive que dar o apito no centro da quadra, ele apitou e aí todo mundo bateu palmas, vibrou e ele aí saiu correndo. Todo mundo achou aquilo engraçado, mas não é algo que seja correto acontecer [riso]. Infelizmente aconteceu [riso].

M.L. – E seu treinamento físico? Como é que você se prepara para essa jornada dupla, tripla?

T.S. – Como minha rotina diária é basicamente atividade física... Eu sou a professora que não dou aula só orientando aluno não. Eu sou a professora que dou aula participando com o aluno. Então chega, tem uma aula que eu jogo com os meninos. Todos os meus alongamentos com os meus alunos, eu acompanho alongamento por alongamento. Se eu tiver dez turmas, eu alongo dez vezes. Se eu tiver que mostrar a corrida dez vezes, eu corro dez vezes. Então esse dia a dia aí... Tem épocas que eu entro numa academia prá poder começar a ter, manter esse padrão físico que é muito difícil. O dia a dia corrido... Esse padrão físico, às vezes, é complicado, mas eu costumo dizer pros meus colegas [riso]: eu sou fofinha, mas não deixo a desejar não.



M.L. – Você faz algum treinamento específico para arbitrar?

T.S. – No dia a dia, específico para arbitrar, não; mas temos o período de avaliação, aí que eu tiro uns três meses anteriores para fazer treinamentos específicos de deslocamento, de movimentações que a gente utiliza dentro de quadra, a corridinha da noite; de vez em quando tem que dar; apesar do local onde eu moro não ser muito adequado prá tá fazendo essa atividade. Então tenho que me deslocar para locais mais distantes para poder dá corrida na beira da praia, né, ou então entrar numa academia – uma coisa que eu não gosto muito de ir prá academia, porque eu acho um espaço muito restrito prá quem tem uma ampla vontade de fazer atividade física.

M.L. – Você faz curso de atualização?

T.S. – Sim. Todos os anos nós temos a atualização de regras aqui dentro da Federação Bahiana, inclusive a nossa próxima atualização está prestes a acontecer agora no próximo dia sete, agora no próximo domingo. Nós teremos nossa atualização de regras que acontece todos os anos na cidade de Salvador ou em municípios próximos a cidade e nós temos todo ano essa atualização porque as regras, elas não mudam na íntegra, mas existem pontos dentro da regra e que a gente precisa tá se atualizando prá poder sempre seguir o mesmo padrão.

M.L. – E a sua forma de arbitrar de hoje, com relação ao teu início lá em 2007, mudou?

T.S. – *Com certeza!* A segurança que eu hoje entro na quadra é totalmente diferente. Eu lembro do primeiro momento lá, do dia da prova prática e aquele frio na barriga, o medo de errar e a mão parecia que congelava perto da perna, não conseguia suspender a mão. O costume de mão esquerda, mão direita. Qual é a mão que levanta. O medo. Isso é falta, isso não é. Aplica o cartão ou não aplica. Hoje eu entro em quadra com segurança, com uma postura diferente e isso valoriza muito o nosso trabalho porque por mais que a gente ache que não, mas o atleta, ele percebe quando o árbitro é inseguro. Então ele percebe quando o árbitro demonstra insegurança durante a sua atuação. É no movimentar do braço, é no levar o apito na boca sem apitar, é numa corrida com medo, uma corrida com medo de correr, um deslocamento errado. Existe é... Chegar ao ponto do atleta, às vezes, perceber a

sintonia de um árbitro com o outro. Como no futebol de salão são dois árbitros, então o atleta que conhece a regra, às vezes, o atleta que conhece, às vezes, a arbitragem, conhece alguns árbitros, ele percebe a sintonia dos árbitros. Já chegou ao ponto de ouvir comentários de atleta falar: “Vocês estão na mesma linha!” E não saber porque os árbitros estão na mesma linha. Então o atleta, por mais hoje, que ele esteja interessado em ganhar, em jogar, ele tem sim um conhecimento sobre aquele esporte que ele tá praticando. Então a gente tem que tá muito atento a essa questão e a diferença, ela é nítida.

M.L. – Qual seria sua principal mudança na condução dessas partidas de antes e de agora? Algo se tornou muito visível em termos de mudança?

T.S. – A postura. A postura na hora de correr. No início existe o medo de correr, porque ou você corre, ou você olha prá quadra, ou você corre, ou você presta atenção se o atleta tá tocando, tá segurando, tá puxando. Então essa postura na hora de correr ela mudou muito porque existe um padrão nessa corrida. Dentro da Confederação Brasileira, nossos Diretores que nos acompanham, eles observam muito essa questão do padrão do deslocamento. Então existe a questão do correr de frente prá quadra, de fazer a lateralidade – que é essa corrida de lado olhando prá quadra. Sempre com aquela visão ampla. Tem que ter uma visão lá dos noventa graus, saber, né, que você parece que tem quatro olhos [riso]. Você tem que saber o que tá acontecendo na direita, na esquerda, na frente... E é uma coisa muito assim, é complicada, prá quem tá iniciando, mas prá quem já tem uma caminhada dentro da arbitragem, se torna uma coisa fácil, uma coisa *muito fácil* de se fazer. Eu fico pensando: meu Deus, quanta facilidade hoje eu tenho de conduzir uma partida. Muitas vezes não precisa nem do soar do apito. Às vezes você conduz uma partida sem você precisar apitar. Você só precisa apitar no início, reinício e no final do jogo. E os atletas como sabem a regra, como sabem jogar, eles conduzem a partida sem precisar o árbitro interferir. Então hoje é o diferencial que eu percebo na minha postura dentro de quadra.

M.L. – Tiara, com a normatização do acesso das árbitras a quadra de jogo apenas na década de 2000, você acha que aconteceu alguma modificação quando elas puderam adentrar as quadras e conduzir as partidas? Porque até então somente poderiam ser anotadoras e/ou cronometristas.

T.S. – Com certeza! Aqui na cidade de Salvador, na Federação Bahiana, nós temos esse conhecimento amplo, né, o que às vezes não acontece em outros estados. Como, por exemplo, o árbitro da Federação Tal, só é árbitro; o anotador, só é anotador, porque ele só é anotador na Confederação Brasileira, também. E aqui na Federação nós temos o conhecimento amplo: nós sabemos apitar, sabemos cronometrar, anotar. Então essa questão de ter uma mulher na quadra e não somente na mesa, é algo assim que... Que valoriza a questão da mulher dentro do universo masculino. Então essa valorização da mulher dentro do esporte que antes era masculinizado, que ainda é masculino, porém, hoje já temos aí um mundão de mulheres apitando futebol de campo, futebol de salão e que tem esse conhecimento prá tá dentro de quadra e que tem o conhecimento, às vezes, melhor ou maior do que um homem ou igual. Não é querendo ser melhor ou pior que ninguém, queremos igualdade no conhecimento, na busca desse conhecimento e no retorno desse conhecimento que hoje nós temos árbitras aí, de Federações Internacionais que apitam jogos masculinos e que conduzem muito bem essas partidas.

M.L. – E como é a sua relação dentro da Federação com seus colegas de arbitragem, homens e também mulheres?

T.S. – Hoje na Federação Bahiana, aqui na cidade de Salvador, nós só temos duas árbitras atuantes que sou eu e a outra colega Nadjara. Temos outras colegas em outras cidades como o seu caso, Dôra, tem Ana Paula, tem a Fernanda e têm outras colegas da cidade de Iguaim e de outras cidades, mas viver nesse contexto masculino é complicado para quem tem um homem ao seu lado, porque assim... É difícil, é difícil o marido aceitar que você esteja no meio de um bocado de homem. É complicadíssimo, porém a minha relação com meus amigos, eu os chamo de amigos porque são pessoas que realmente fazem parte da minha vida assim... São amigos que eu tenho hoje dentro da arbitragem. Colegas que, que sabe, vão além das quatro linhas, estão além das quatro linhas. São colegas que eu posso, que eu tenho certeza que eu posso contar em qualquer momento: dificuldade, alegria. São pessoas que convivem em minha rotina diária. Colegas que são também professores de Educação Física, que trocamos figurinhas, que trocamos assunto, que trocamos relato de rotina profissional; então eu tenho uma relação muito boa com meus colegas de arbitragem. Uma relação de respeito, de igualdade, de carinho e de conforto mesmo. É uma família que a gente se sente confortável.

M.L. – E com as árbitras, esse quadro é o mesmo?

T.S. – *Com certeza!* Colega que atua comigo eu falo assim: nós somos a minoria, se a gente não se abraçar, vamos derrotar quem? Aí vai cada uma para seu canto e desiste de arbitrar. A colega que hoje atua comigo aqui na cidade de Salvador, Nadjara, eu não tenho o que dizer. Sem palavras prá falar sobre o companheirismo, a dedicação, o apoio que uma dá a outra, entendeu? De... Sabe... De tá ajudando, sinalizando se acontecer alguma coisa. E assim, quando tem jogos finais de competição feminina, só sobra quem? Só sobra a gente. “Vocês duas que vão.” Só tem a gente e aí quando dá prá agregar as quatro Confederadas é uma felicidade, né [risos]. Quando tem competições que dá prá gente tá apitando juntas, aí é a felicidade porque a gente consegue ter um quarteto feminino numa final de competição, aí é melhor ainda.

M.L. – E na Confederação, essa relação acontece dessa mesma forma?

T.S. – A Confederação por ter uma quantidade bem maior de árbitras é, não tenho assim esse contato com todas, mas eu tenho uma boa relação com as meninas sim; com as meninas que eu tive a oportunidade de conhecer. Temos grupos de mulheres que são árbitras prá poder tá se comunicando. Tem colegas que vem passar as férias aqui em Salvador que avisa: “Ah, Tiara, tô indo a Salvador...” Como a Ana Moraes, uma pessoa que tá sempre passeando aqui pela cidade. Acho que é apaixonada por Salvador. Tá sempre passeando. Sempre que ela vem a passeio, ela avisa que vem. A gente marca prá se encontrar. Tem um encontro que acontece com as árbitras mais antigas que eu morro de vontade de ir, mas todas as vezes que acontece, é no período que infelizmente, devido à questão profissional, não tenho como sair. Que sempre é em outra cidade. São pessoas que eu tenho contato, sim. A colega Ana Meire mesmo, que é a árbitra mais antiga aqui da Federação, que hoje não é uma árbitra atuante, mas uma pessoa que eu também tenho contato, uma pessoa que agregou muito também na minha formação como árbitra da Confederação Brasileira. Me deu muito apoio e o que eu achava engraçado [riso] é que na minha primeira convocação ela dizia: “Tiara, eu só vou sair da Federação, eu só saio da Confederação, quando você tiver pronta para entrar.” E aí eu sempre me dedicando prá conseguir essa vaga da Confederação e quando eu fui prá minha primeira competição, ela sempre me monitorando pelo telefone, pela rede social, sempre monitorando e quando

terminou meu jogo que eu fui contar a ela o que aconteceu, ela disse: “fique tranquila, que eu já sei de tudo!” [risos]. Então as informações foram passadas prá ela, antes de eu relatar prá ela como foi a minha sensação de apitar o primeiro jogo. É uma pessoa que me deu muito apoio. A experiência que Ana Meire tem dentro da arbitragem é assim incomparável. É uma pessoa que durante a minha entrada aqui na Federação Bahiana sempre somou, sempre chegava, me dava um toque e por ser, na época, a árbitra mais cogitada dentro da Federação, era a pessoa que eu sempre buscava o conhecimento, buscava o apoio, porque eu precisava de uma mulher também para me orientar.

M.L. – Ao longo de sua trajetória já recebeu tratamento diferenciado por ser árbitra?

T.S. – Em relação aos colegas, é a questão do respeito, né. Os meninos medem um pouco as palavras na hora de falar com você. Eu costumo dizer... Os colegas dizem que... Na hora de trocar de roupa, às vezes, a gente vai pra um ginásio que só tem quatro paredes prá todo mundo trocar de roupa. E aí os meninos: “Pode trocar a roupa aí, Tiara. A gente não vai olhar, não. Você é homem prá gente.” Então essa questão do respeito é muito significativa, mas....

M.L. – E com relação aos dirigentes, as comissões técnicas?

T.S. – Aconteceu. Mas isso acontece muito em jogos particulares – como é que eu posso dizer agora – competições particulares, competição de empresa, por exemplo. Sempre tem aquele cara que é o machista do grupo, que manda na mulher dele em casa e acha que a árbitra tá ali, que tem que mandar. Aconteceu um episódio que eu lembro muito e que eu fiquei muito chateada com isso na época que aconteceu. Foi que dentro de uma empresa, uma competição dentro de uma empresa, e aí aconteceu um lance e que o atleta, ele reclamava que queria que marcasse uma falta a favor dele e como a falta não foi marcada e eu estava no lance, ele disse que lugar de mulher era na cozinha e aí eu respondi prá ele que a mulher que tem que estar na cozinha, é a mulher dele. Que eu como mulher estou ali porque eu quero estar ali, tenho capacidade para estar ali e que ele iria respeitar a minha autoridade e nesse momento eu o expulsei do jogo. Então foi uma situação bem chata. Que eu não gosto quando acontece, quando algum homem utiliza destas palavras com a mulher, seja ela árbitra, seja anotadora, cronometrista, em qualquer momento. Infelizmente isso vai

acontecer em todos os espaços aí que são ditos masculinos. Em algum momento isso vai acontecer por ter uma mulher que está à frente daquele espaço. Graças a Deus, dentro do contexto da Federação, isso não acontece. Pelo menos nunca chegou até a mim. Sempre fui respeitada em relação a isso, mas em relação a competições, atletas, já aconteceu pequenos episódios, mas que tenho uma lembrança muito forte é esse episódio que relatei.

M.L. – Além desse atleta, algum dirigente, algum técnico, marcou sua trajetória de forma negativa com relação a essa diferenciação por você ser árbitra?

T.S. – Não, por ser mulher não. Acontece algumas reclamações como acontece em qualquer tipo de prática esportiva como se fosse um homem que tivesse ali e ele também agiria da mesma forma. Técnicos que têm costume de reclamar, eles reclamam se for homem ou mulher. Isso aí é normal acontecer em atleta, em técnico. Eles sempre vão questionar porque o técnico quer que sua equipe ganhe, o atleta quer ser sempre beneficiado. Então a reclamação de técnico em relação a... pelo fato de ser uma mulher apitando, eu nunca sofri não.

M.L. – E jogadora, já houve diferenciação no tratamento?

T.S. – Mulher?

M.L. – Sim.

T.S. – Mulher não, mas ela é mais chata na hora de cobrar. Ela reclama muito. Ela reclama no mesmo nível, sabe, não tem essa questão do gênero, não. “Ela é mulher, eu também sou mulher”. A reclamação é mais ligada à questão da aplicação de regra mesmo. Não tem muito essa questão de não aceitação, não.

M.L. – E com relação às torcidas, algum incidente que marcou, alguma...? O que eles costumam falar?

T.S. – Torcedor é um bicho complicado [risos]. Torcedor é um cara complicado. É um caro que o árbitro não pode punir. O máximo que o árbitro pode fazer com um torcedor é tirar

ele dali, mas não existe punição anterior. Muitas vezes não pode ser proibido de entrar naquele espaço, né. Que não tem o registro que fica, a não ser que seja algo *muito* mais, *muito* relevante, pra ter que levar a uma delegacia, algo mais superior, mas acontecem sim xingamentos, palavrões e que eu procuro fazer que nem ouvido de mercador, né. Não ouvir nada. Não tô ouvindo nada. Não costumo dar ouvido a torcida, não. Se for algo que seja de extrema necessidade, o torcedor, ele é convidado a se retirar do espaço onde está acontecendo à competição. Acontecem alguns episódios, mas não são coisas tão graves. Eu nunca fui, graças a Deus... A questão de agressão de torcedor, isso nunca ocorreu da minha parte, mas xingamento sim; de ouvir muito xingamento. Eu costumo dizer com o colega que o homem arbitrando pelo menos tem a mãe para levar o xingamento; a mulher, não tem ninguém. O cara xinga ela mesma. Nós temos que carregar esses xingamentos nas costas, mas nada que a gente não consiga aí contornar e finalizar sem ocorrências.

M.L. – Você acha que no geral, existe diferença de tratamento e de reconhecimento de trabalho entre árbitros e árbitras?

T.S. – [pensativa] É... Eu não vivo isso aqui no meu contexto. Eu não vivo. Mesmo porque o meu Diretor, o Diretor daqui da Federação, ele dá oportunidade tanto pro homem quanto prá mulher de estar participando de eventos relevantes. Recentemente eu participei da final duma competição do Campeonato Bahiano, do Sub vinte. Apitei a final dessa competição.

M.L. – Masculina?

T.S. – Masculina, em que aconteceram alguns episódios de reclamação, mas o Diretor, ele foi bem assim claro comigo: “Tiara, eu confio no seu trabalho. Você é uma árbitra que atua como qualquer outro árbitro aqui dentro do nosso contexto; então não tenho porque não colocar uma mulher prá apitar uma final masculina”. Apesar de ter finais femininas que só as mulheres, às vezes, apitam e como temos poucas árbitras mulheres, e aí ele, às vezes, coloca os homens. Mas ele me deu essa oportunidade de tá arbitrando. Hoje eu sou uma árbitra bem respeitada entre meus colegas. Rola algum ciúme, às vezes, né [riso]. Dizem: “Ah! Eu podia ter ido. Botou Tiara”. Mas nada que não possa ser contornado. O Diretor confia muito no meu trabalho, no da Nadjara também, então nós não temos esses empecilhos aí pelo fato da questão do gênero não.

M.L. – E a que você poderia atribuir o número reduzido de mulheres dentro da arbitragem do futsal, não só no Nordeste, mas também a nível nacional e até mundial?

T.S. – A questão mesmo do [silêncio] de, do... Como que eu posso falar? Do, da não motivação. É desmotivante, às vezes. Não é todo grupo *masculino* que aceita a entrada de uma mulher no seu contexto. Às vezes é muito complicado você levantar a cabeça mesmo e bater no peito: “Não, eu vou, eu sou eu mesma. Eu consegui. Eu tenho a mesma qualidade que vocês!” e seguir em frente. Hoje aqui em Salvador nós temos pouca procura, uma baixa procura de mulheres pela arbitragem. Tivemos um curso ano passado em que não tiveram mulheres no curso. O curso de 2017 teve a presença de duas mulheres que não levaram adiante. Então, infelizmente, a procura é baixa. Apesar de ter até um grupo significativo de meninas que jogam futebol de salão, mas muitas desistem do futebol de salão, como atleta. Não querem levar... até mesmo a questão educacional, a questão de estudo. As meninas que, muitas vezes, que jogam futsal, elas não se interessam por essa questão mesmo de ir à frente e as que se interessam não querem mais entrar nessa questão da arbitragem porque os que entram, muitas vezes, entram com a visão de... Acha que vai ganhar dinheiro. E arbitragem hoje aqui na Bahia não é dinheiro. A arbitragem hoje na Bahia é amor. Hoje eu digo a você que os árbitros que estão hoje apitando aqui pela Federação Bahiana de Futebol de Salão, apitam; estão no grupo por amor ao futebol de salão. Então essa questão hoje é complicada de atrair. Não tem atração. Não há atração hoje dentro da Bahia para arbitragem.

M.L. – Tiara, quando você sai para arbitrar competições nacionais, percebe alguma diferença na condução das partidas entre as árbitras nordestinas e as de outros estados do Brasil?

T.S. – [silêncio] Visivelmente isso é fato, né. Existe um pouco de diferença sim, porque as oportunidades são maiores. Hoje, fora do Nordeste, existe... Vou citar o exemplo da cidade de São Paulo. São Paulo hoje, um árbitro de futebol de salão, ele pode viver de arbitragem, né. Ele tem jogo *todo dia* para apitar. Tanto que o grupo de árbitros de São Paulo é bem maior do que muitos estados. Então essa questão da quantidade de competições faz com que o árbitro crie uma rotina e você sabe que a atividade física, a atividade dentro do esporte, se ela é uma rotina em sua vida, você agrega mais conhecimento. Então se você



divide a arbitragem com trabalho, com casa, com família, então você minimiza o seu processo, os seus momentos de atuação, os seus momentos de prática dentro daquela atividade. Então vai minimizando, então você não tem muito tempo para tá treinando dentro das atividades que são da arbitragem. Você faz o treinamento, você faz a sua corrida, faz a sua musculação, mas a prática da arbitragem em si, do jogo, você não tem muita competição prá apitar. É como se fossem duas crianças: uma tem bicicleta e a outra não tem. Eu só vou andar de bicicleta quando meu coleguinha estiver andando e o meu coleguinha tem bicicleta e todo dia ele pode andar. Então quanto mais... As habilidades que são desenvolvidas dentro da arbitragem, se você tiver uma prática no seu dia a dia, claro que você vai agregar muito mais.

M.L. – Como você definiria, hoje, ser mulher-árbitra no Nordeste brasileiro?

T.S. – Eu defino como algo *difícil*, mas que lhe dá uma valorização porque você é uma e um grupo pequeno e que consegue ainda se destacar. Então isso traz muita alegria, né. Eu sou uma das poucas que conseguiram estar juntamente comigo. Então eu me sinto honrada de fazer parte do grupo de mulheres que arbitra, que apita um esporte masculino. Então eu me sinto muito feliz em estar dentro desse grupo.

M.L. – Mesmo com todas as dificuldades?

T.S. – Mesmo com todas as dificuldades! Mesmo com as poucas saídas a nível nacional, que isso, às vezes, me deixa um pouco chateada essas poucas saídas por questão mesmo de deslocamento, questão da redução de custo. Às vezes a Confederação Brasileira, eles reduzem o custo e aí o que é que fazem? Tem uma competição numa determinada região, convidam árbitras que estão mais próximas. E como o Nordeste sempre tá longe dessas competições mais top, então a gente sempre fica um pouco distante aí, dessas competições que a gente teria um conhecimento, conseguiria ter, agregar um pouco mais de conhecimento com as colegas que são mais atuantes.

M.L. – E quais seriam as principais barreiras que você apontaria hoje ou que aconteceram ao longo de tua carreira enquanto árbitra?

T.S. – As barreiras?

M.L. – Principais barreiras.

T.S. – Hoje, a minha principal barreira como árbitra... A única coisa que me evitaria seria a família. Questão familiar que me proibiria de participar de qualquer atividade. Fora essa, nada vai me impedir.

M.L. – E ao longo de sua carreira teriam outros fatores que pudesse agregá-los enquanto barreira para a prática da arbitragem?

T.S. – Assim, essa questão da não aceitação mesmo da mulher. Questão de: “Ah, que nada! No esporte de homem!” Isso aí é o que poderia ter me impedido de estar hoje onde estou, mas como sempre fui ousada, sempre gostei de tá me envolvendo no que é difícil, né; o que dizem que é impossível, mas que prá mim nunca foi impossível. Eu sempre gostei desses desafios, então as barreiras que foram acontecendo, os obstáculos, eu fui conseguindo pular um por um e graças a Deus nada conseguiu ainda me parar não.

M.L. – Teria alguma coisa que a gente não conversou ao longo desse bate-papo e que você gostaria de relatar, de evidenciar sobre o futsal, sobre a mulher-árbitra, sobre a tua vivência enquanto árbitra ao longo desses anos?

T.S. – Eu creio que eu tenha passado todas as informações que são relevantes mesmo prá mulher, mas que, a única coisa que me deixa assim a desejar é a questão mesmo da participação de mais mulheres dentro da arbitragem. É o que me incomoda... É chamar essa mulherada mesmo prá agregar ao grupo, de tá participando desses eventos ligados a arbitragem de futebol de salão. Futebol de campo a gente já tem uma concentração maior de mulheres, apesar de serem pouco vistas em jogos televisionados. São vistas mais como *bandeirinhas*, né, mas como árbitras centrais, elas ainda não são tão vistas em jogos televisionados, pelo menos aqui dentro de nosso estado. Mas eu creio que eu tenha feita uma abordagem de tudo aí durante essa minha trajetória, essa minha caminhada dentro do esporte. E que o esporte hoje, ele veio como um conhecimento, como uma agregação de valores para qualquer ser humano. Hoje uma criança que começa praticar esporte, ela

consegue agregar valores que são bem vistos e que vão facilitar, com certeza, a vida dela durante o meio social, como também na fase adulta.

M.L. – Você acha que haveria alguma ação, algo que pudesse trazer novas mulheres para a arbitragem do futsal?

T.S. – Sim. Principalmente essas meninas que são atletas e que muitas estão... Conheço, tenho muitas colegas da época de faculdade, da época de escola, que eram atletas, desistiram de ser atleta por causa do peso, idade e que tão virando técnicas, né. O que precisa ter é atração. Se tiver atração, rádios comecem a divulgar essas competições, televisões regionais comecem a divulgar essas mulheres apitando, eu acho que vai deixar um desejo a mais nas mulheres que ainda não estão dentro desse contexto a quererem participar do nosso grupo.

M.L. – Domingo passado a Sportv deu o primeiro ponta-pé na transmissão de uma partida oficial de futsal feminino, em nível de TV fechada. Acho que foi um marco decisivo pra gente enquanto futsal feminino. O que você achou dessa iniciativa do canal fechado Sportv fazer essa transmissão?

T.S. – *Com certeza!* Eu não tive oportunidade de assistir o jogo por causa do horário. Eu não estava de frente à televisão, mas aquele ditado: “o que não é visto, não é desejado.” Então, se você vê uma mulher apitando, você deseja, às vezes, como atleta, você deseja tá lá também. E se você não tem mais condições de estar como atleta devido a sua idade, você vai desejar estar no lugar da árbitra. Você vai procurar: “Como é que eu faço para chegar até ali?” Quanto mais essas imagens dessas mulheres atuando como árbitras forem expostas na televisão que hoje é um meio de comunicação que atrai milhões de expectadores, quanto mais for visto, mais desejado será. Então se você vê uma mulher apitando e você não faz parte daquele contexto, mas você faz parte do contexto esportivo, você vai desejar estar ali também.

M.L. – É saber que é possível.

T.S. – *Com certeza!* Se ela está ali eu também posso estar. Então eu acho que essa questão mesmo da televisão estar atraindo esse público feminino para a questão da arbitragem também é muito importante, principalmente dentro de cada região.

M.L. – Quais os pontos positivos e negativos em ser árbitra de futsal?

T.S. – O ponto positivo em ser árbitra de futsal, prá mim, é a questão da satisfação pessoal, é algo que eu almejei, é algo que eu sempre quis fazer após a minha passagem como atleta de futebol de salão e me sinto realizada. É a questão mais de minha realização pessoal mesmo, é algo que eu me sinto bem em estar praticando – esse é meu ponto positivo. Os pontos negativos são a questão da não visibilidade do esporte, principalmente aqui na cidade de Salvador; as poucas competições oficiais que existem pela Federação Bahiana e as competições que existem ainda há poucos telespectadores prá tá assistindo e tarem vendo o árbitro como uma parte principal aí dentro da realização dos jogos de futebol de salão – esse é um ponto negativo que existe – e a questão mesmo do fato de ser mulher, porque em algumas competições ainda há um pouco de receio em relação a clubes, a homens envolvidos, pois ainda há um pouco de receio em ver uma mulher dentro da arbitragem do futebol de salão, mas tudo isso aí vem como um obstáculo a mais, uma força a mais para que eu continue seguindo aí dentro da arbitragem do futebol de salão.

M.L. – Tiara, quero te agradecer pelas informações que você me concedeu. Dizer que você trouxe para nossa pesquisa um depoimento valiosíssimo, riquíssimo em detalhes. Dizer que somos muito gratas, tanto eu quanto a minha orientadora, e que assim que o trabalho estiver pronto, nós vamos te fornecer, para que você possa ver o trabalho, ver o fruto do que a gente conversou aqui, juntamente com outras árbitras que farão o mesmo procedimento que você. Desde já, muitíssimo obrigada. Foi um prazer estar batendo esse papo contigo e digo que as informações foram *fantásticas*.

T.S. – Eu agradeço por fazer parte dessa construção aí e que com certeza é algo que vai favorecer e agregar mais ainda para a expansão da minha imagem e da imagem das árbitras de futebol de salão não só aqui no nosso estado, mas como a nível nacional também.

M.L. – Então obrigada, Ty.

T.S. – Valeu.

[FINAL DA ENTREVISTA]